



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

A RETÓRICA DE RUBEM BRAGA: AS PAIXÕES EM CRÔNICAS DO SÉCULO XX



RUBEM BRAGA'S RHETORIC: THE PASSIONS IN CHRONICLES OF THE 20TH CENTURY

Helena Miyazaki FONSECA
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 01/06/2022 • APROVADO EM 25/01/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.286>

Resumo

Este artigo propõe a análise de crônicas de Rubem Braga que abordam, de alguma forma, a figura da mulher. O gênero crônica, com o qual o autor consolidou sua carreira, pode ser entendido como um texto relativamente curto, que trata de questões cotidianas e prioriza a exposição dos fatos. Considerando que o *pathos*, uma das três provas persuasivas propostas pela Retórica aristotélica, envolve as emoções que devem ser suscitadas pelo orador a partir do discurso a fim de levar o público ao estágio de ação, o objetivo deste estudo é refletir sobre as paixões mais recorrentes despertadas pelo autor em crônicas selecionadas das décadas de 1950 e 1960. Os pressupostos teóricos em que a análise se baseia advêm de estudiosos da Retórica e da Nova Retórica, especialmente de teóricos que abordam as paixões, a saber Aristóteles (2015, 2020) e Meyer (2003), em seu prefácio para a obra *Retórica das Paixões*.

Abstract

This article proposes the analysis of Rubem Braga's chronicles that approach, in some way, the figure of the woman. The chronicle genre, with which the author consolidated his career, can be understood as a relatively short text, which deals with everyday issues and prioritizes the exposition of facts. Considering that *pathos*, one of the three persuasive proofs proposed by Aristotelian Rhetoric, involves the emotions that must be aroused by the speaker from the speech in order to take the audience to the stage of action, the objective of this study is to reflect on the most recurrent passions awakened by the author in selected chronicles from the 1950s and 1960s. The theoretical assumptions on which the analysis is based come from scholars of Rhetoric and New Rhetoric, especially from theorists who approach the passions, namely Aristotle (2015, 2020) and Meyer (2003), in his preface to the work Rhetoric of Passions.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Rubem Braga. Crônica. Retórica. *Pathos*. Paixões.

Keywords: Rubem Braga. Chronicle. Rhetoric. *Pathos*. Passions.

Texto integral

Introdução

Na retórica aristotélica, o orador é responsável por, durante o ato comunicativo, explorar três provas retóricas para induzir o auditório a aderir a determinado ponto de vista: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, que envolvem, respectivamente, sua imagem, as emoções e o discurso propriamente dito. Para garantir o sucesso, é essencial que o orador conheça seu auditório a fim de selecionar os melhores argumentos a serem aproveitados, visto que os interesses e as expectativas são variáveis. Neste artigo, embora as três provas sejam sempre acionadas, o foco será a análise do *pathos*, associando-se ao auditório.

A retórica, segundo Aristóteles (2019, p. 48), ocupa-se “daquilo que é provável para indivíduos desta ou daquela condição”, isto é, a cautela com os espectadores está presente não só em um primeiro contato, mas durante toda a argumentação, uma vez que esta é planejada para obter a adesão e, por isso, como reforçam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020, p. 21), teóricos da Nova Retórica, é “relativa ao auditório que procura influenciar”. E o fato de conhecer o auditório, por sua vez, reflete no poder de incitar o *pathos*.

Considerando que Rubem Braga (1913-1990) foi um dos principais cronistas do século XX, tendo publicado cerca de 15 mil textos, é importante examinar como o autor se vale do *pathos* em textos curtos e aparentemente despretensiosos (visto que as crônicas, por serem publicadas inicialmente em jornais, não eram feitas com a intenção de serem conservadas) para obter sucesso.

Sobre a temática de sua obra, verifica-se grande variedade: há publicações que englobam sentimentos e acontecimentos; outras, experiências íntimas e assuntos profissionais; além de críticas e simples narrativas cotidianas – o que comprova que não foi uma temática específica que o levou ao sucesso, mas seu discurso, e em vista disso, certamente o campo da afetividade é explorado.

Dado o exposto, este artigo tem como objetivo refletir sobre as principais paixões despertadas por Rubem Braga em suas crônicas. A hipótese é a de que o

autor desperta, principalmente, as paixões da compaixão, da confiança e da amizade em seu auditório. É preciso salientar que são muitas as paixões manifestadas nas crônicas e, portanto, a análise consistirá apenas nas mais recorrentes depreendidas nos textos analisados.

A análise, no que tange à constituição do *corpus*, é baseada em textos que abordam a figura da mulher, publicados entre as décadas de 1950 e 1960. São eles: “Uma conversa de bar” (1958), “A Deus e ao Diabo também” (1959), “Visita de uma senhora do bairro” (1959), “Receita para mal de amor” (1967) e “A mulher esperando o homem” (1969); o exame dos dados contempla apenas os fragmentos que permitem a depreensão do *pathos*. Os pressupostos teóricos que fundamentam a análise advêm da teoria retórica, mais especificamente de teóricos que abordam as paixões, principalmente Aristóteles (2015, 2020) e Meyer (2003), no caso do prefácio que trata das paixões segundo os pressupostos aristotélicos.

A noção de *pathos*

Entende-se por *pathos*, de acordo com Aristóteles (2019), as emoções que o orador deve suscitar em seu auditório a partir de seu discurso, o que significa que, em razão de obter o resultado desejado, conhecer o público e conhecer aquilo que o comove é uma etapa essencial do processo persuasivo. Uma vez que as emoções são despertadas, os indivíduos entram em estágio de reflexão e, ao final, em estágio de ação. As paixões podem ser definidas, portanto, como elementos capazes de conduzir à ação, ou, pelas palavras do filósofo grego, “todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos” (ARISTÓTELES, 2015, p. 5).

Aristóteles (2020) apresenta as paixões em duas obras: *Ética a Nicômaco* (2020) e *Retórica das paixões* (2015), como é chamado o livro II da Retórica. Na primeira, onze paixões representam o impulso da ação que está alojado na alma: os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação e a compaixão. Nesse contexto, a virtude se encarrega de garantir a mediania nas paixões e nas ações, uma vez que o caráter é baseado no desejo, e que este é capaz de resultar em quatro espécies de posturas: continente, incontinente, temperante e intemperante. A partir da racionalidade, a excelência da virtude é determinada pelo modo como as paixões são empregadas na ação, embora algumas permitam o meio-termo, e outras, não.

É importante ressaltar que a análise do *pathos* está voltada ao entendimento das paixões que certo auditório pode experimentar com maior facilidade, e os motivos para tal. Nesse sentido, na medida em que as paixões são capazes de tornar os indivíduos suscetíveis à mudança de julgamento, estas se relacionam com a virtude.

Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (2020) classifica a virtude em duas naturezas: virtude intelectual e virtude moral. A primeira está concatenada com a instrução e a segunda, com o hábito. Considerando que “analogamente, a realização de atos justos que nos torna justos” (ARISTÓTELES, 2020, p. 82), a virtude moral é a que está em contato com as paixões. Sobre esta, segundo Aristóteles (2020, p. 85), é possível afirmar que diz respeito a prazeres e dores,

uma vez que “é devido ao prazer que realizamos ações vis e devido à dor que deixamos de realizar ações nobres”.

Posto que os seres humanos são movidos por paixões, pode-se considerar que as paixões não são escolhidas por quem as sente, e sim suscitadas de acordo com os julgamentos. A virtude, por outro lado, é definida como “um estado que leva à prévia escolha e que consiste relativa a nós, sendo isso determinado pela razão” (ARISTÓTELES, 2020, p. 92). Logo, admite-se como virtuoso aquele que está em equilíbrio: que não fica entregue ao vício, mas pondera suas ações, independente das paixões suscitadas pelos discursos. As paixões se diferenciam da virtude, pois não são consideradas permanentes, variam de acordo com o que é exposto – é possível suscitar uma paixão positiva e uma negativa no mesmo indivíduo, pois são tendências provocadas e momentâneas.

Em *Retórica das paixões*, como salienta Meyer (2003, p. XXXV), as paixões podem ser definidas como “a relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro”, isto é, Aristóteles (2003) reflete que essas paixões configuram não somente o caráter que imaginamos sobre os outros, mas também o que os outros concebem de nós. São propostas, portanto, catorze paixões: cólera, calma, amor, ódio, medo, confiança, vergonha, imprudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo. Estando todas na relação entre o sujeito e o outro, podem ser planejadas para estabelecer certo estado de espírito e, por consequência, tornar favorável a visão de quem profere o discurso.

É, na verdade, pela identificação que todas as paixões são suscitadas. A primeira paixão, a cólera, é definida por Aristóteles (2019, p. 123) como uma “inclinação penosa para uma manifesta vingança de um desdém”. Isso indica que é despertada por meio do sentimento de vingança, em função de determinada ação feita ou pretendida, contra a pessoa em questão ou alguém próximo a ela.

A paixão da calma, ou tranquilidade, por outro lado, é definida por Aristóteles (2019, p. 129) como “um restabelecimento ao estado normal ou um apaziguamento da cólera”. Um indivíduo pode, portanto, ter a calma despertada em si quando encontra uma situação de abundância ou em que se sinta alegre. A calma, por essa perspectiva, é sentida por aqueles que não pretendem menosprezar o outro, quando acreditam não estar passando por nenhum sofrimento.

O amor, ou amizade, é “querer para uma outra pessoa aquilo que temos na conta de bens” (ARISTÓTELES, 2019, p. 133). A paixão do amor é despertada quando, por exemplo, encontra-se uma recíproca benquerença, de forma despreziosa. Já o ódio, ou inimizade, é o oposto, mas ao contrário da cólera, o ódio pode se manifestar sem motivo aparente, pois a paixão é sentida em relação a um indivíduo, e não a um acontecimento ou causa.

O medo é a suposição de que determinada situação possa nos prejudicar. Trata-se de uma forma de “padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso” (ARISTÓTELES, 2019, p. 137). No entanto, não são quaisquer situações que causam medo, como reforça o autor, uma vez que “não tememos o que está muito distante, do que é exemplo a morte: todos sabemos que vamos morrer, mas isso não nos incomoda porque a morte não apresenta uma proximidade ostensiva” (ARISTÓTELES, 2019, p. 138). E a confiança, ou esperança, é o afastamento do temível.

A vergonha é definida como “certa tristeza ou perturbação que parecem levar à desonra” (ARISTÓTELES, 2000, p. 39). É uma paixão despertada naqueles que valorizam a opinião alheia, e, portanto, quando há a possibilidade de serem julgados, encontram-se envergonhados. Já a imprudência, ou desvergonha, é a despreocupação com o julgamento alheio.

O favor é descrito como “o sentimento por força do qual alguém que dispõe de recursos presta ajuda àqueles que passam privações, não na expectativa de qualquer proveito para si em retribuição, ou alguma vantagem pessoal, mas exclusivamente no interesse do beneficiado por seu gesto” (ARISTÓTELES, 2019, p. 148).

A compaixão, de maneira geral, é definida como um “sentimento doloroso” pela probabilidade de um mal atingir “alguém que não merece ser por ele atingido” (p. 149). E a indignação consiste no “sofrimento experimentado diante da visão do êxito não merecido de uma pessoa” (ARISTÓTELES, 2019, p. 153). No entanto, a indignação não é despertada como a paixão da inveja, que por sua vez, é caracterizada como “forma de sofrimento produzido pelo conspícuo êxito” e que “nada tem a ver com a ideia de obtermos um certo bem para nós mesmos, sendo, sim, produzido pelo fato de que outras pessoas o possuem” (2019, p. 156).

A emulação também está relacionada com a posse de determinado bem, mas se diferencia da inveja, segundo Aristóteles (2019, p. 159), por ser “uma forma de sofrimento penoso produzido pela visível posse, por parte daqueles que são naturalmente nossos iguais, de bens tidos em alta estima e que nós mesmos poderíamos ter”. Ou seja, não se trata de desejar que o outro não tem, e sim de querer ter também. Por fim, o desprezo é caracterizado como o oposto da emulação, e é despertado naqueles que não possuem ambição para conquistar determinado bem ou a superioridade como um todo.

Mediante as paixões elencadas, compreendem-se os estados transitórios capazes de transformar o julgamento dos sujeitos. Portanto, conforme os pressupostos de Aristóteles (2003, 2019), as paixões funcionam como recurso argumentativo, pois buscam emocionar as pessoas em favor de uma causa e, ao fim, persuadi-las. Estudiosos recentes, como Meyer (2000, 2003), retomam as paixões propostas por Aristóteles a partir da consideração de que são temporárias e reversíveis. Na análise a seguir, foram consideradas apenas as paixões que constam da *Retórica das paixões*, uma vez que são as mais difundidas.

O pathos em crônicas de Rubem Braga

As narrativas presentes nas crônicas, por si só, não seriam suficientes para atrair os leitores; é preciso que o autor conquiste a confiança de seu público e, para isso, desperte suas emoções. Ao refletir sobre os textos de Rubem Braga, facilmente se identifica a paixão da compaixão.

Esta, que é caracterizada por Meyer (2003, p. XLVI) por supor uma identificação, pode ser encontrada, por exemplo, na crônica “A mulher esperando o homem”. O texto trata de uma reflexão feita por Braga acerca de mulheres que, em diferentes contextos, sofrem por esperar um homem. Sobre esses casos, escreve:

Não importa que seja a esposa vulgar de um homem vulgar; e que no fim a história do atraso dele seja também completamente vulgar. Neste momento ela é a mulher esperando o homem; e todas as mulheres esperando seus homens se parecem no mundo, e se ligam, por invisível túnel de solidariedade que atravessa as madrugadas intermináveis (BRAGA, 2009, p. 72).

A compaixão é despertada em dois momentos: quando o autor escreve que “não importa” quem ela seja, e que “todas as mulheres esperando seus homens se parecem no mundo”. Com essas afirmações, fica claro que ele se importa até com as mulheres que poderiam não ser notadas pela sociedade, como as esposas vulgares de homens vulgares, que seriam facilmente ignoradas ou não consideradas dignas de compaixão.

Segundo Aristóteles (2015, p. 137), a compaixão é despertada porque “o sofrimento é imerecido e surge diante dos nossos olhos”. Em vista disso, a paixão pode ser despertada em mulheres que passam ou passaram por situações semelhantes, bem como em todos aqueles que julgarem injustos os contextos apresentados na crônica. Aqui, o posicionamento do autor é exposto de forma que se relaciona intimamente com a moralidade.

Por concluir que a situação, embora lamentável, não apresenta nenhuma solução, o autor escreve soluções hipotéticas, como se pode ver a seguir:

I) Devia haver um número de telefone especial para a mulher que está esperando o homem chamar, reclamar providências, ouvir promessas, insistir, tocar outra vez, xingar, bater com o fone. Devia haver funcionários especiais, capazes de abastecer essa mulher de esperança de quinze em quinze minutos, jurar que todas as providências já foram tomadas, “estamos seguros que dentro de poucos minutos teremos alguma coisa a dizer à senhora...

II) Devia haver um santo especial para proteger a mulher esperando o homem, devia haver uma oração forte para ela rezar; ela está desamparada no centro de um mundo vazio (BRAGA, 2009, p. 103).

No prefácio que faz da *Retórica das paixões*, Meyer (2003, p. XXXIX) explica as paixões como “uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata (...)”, isto é, uma visão passional provocada pelo autor. Assim, essas sugestões quase desesperadas simbolizam o desejo de ajudar mulheres que, infelizmente, não podem ser ajudadas (a crônica é encerrada com a reflexão de que o único modo de acabar com o sofrimento é deixar de esperar), e por isso, despertam a compaixão.

O que inspira a compaixão, de modo geral, é a situação penosa, a qual também pode ser observada na crônica “A Deus e ao Diabo também”, que retrata um diálogo com uma mulher que confessa ao cronista situações de seu passado:

Ela então me contou seus pecados; primeiro, o primeiro, quando ainda era mocinha; depois o mais feio, que foi coisa que ela não queria, foi resistindo, mas você compreende, chegou a um ponto em que não dava mais jeito. O pior é que nessa ocasião tinha um rapaz de quem ela gostava muito e queria ser fiel a ele (...). Disse uma palavra feia a respeito de si mesma e pediu minha opinião:
– Não é verdade? – me olhando nos olhos
Calei-me; ela insistiu, eu fiz uma evasiva meiga:
– Você é um amor (BRAGA, 2009, p. 175).

Em primeiro lugar, é necessário analisar que a descrição do diálogo com a mulher em questão é, na verdade, um diálogo com seus leitores. Assim, o modo como o autor expõe os dados acaba retratando a compaixão sentida por ele. Ao explicar que “foi coisa que ela não queria”, Rubem Braga revela que se preocupa com a reputação da mulher, do contrário apenas reproduziria o ocorrido (uma traição), sem detalhar o lado dela. Da mesma forma, as falas “mas você compreende” e “o pior é que nessa ocasião” demonstram não só piedade, mas também a tentativa do autor de convencer o público de que ela não era completamente culpada, e que se tratava de uma situação que ela não merecia.

Além disso, a última frase do trecho apresentado (“você é um amor”) evidencia que a compaixão sentida não só foi apresentada para seus leitores, mas esteve igualmente presente no momento do encontro. Embora tenha tentado permanecer em silêncio após uma pergunta desagradável, responde com sutileza para discordar da “palavra feia” anteriormente dita. Para Aristóteles (2015), o caráter e a dignidade inspiram compaixão e, portanto, nessa perspectiva, podem se compadecer os leitores que passaram por dois tipos de situação: traição e insegurança.

A compaixão pode, também, ser causada por uma doença. Ainda a partir de Aristóteles (2015, p. 136), “tudo o que é penoso e doloroso, e que pode causar destruição, também causa compaixão; da mesma maneira, tudo quanto causa a morte, assim como todos os males importantes causados pela fortuna”. É o que passa na crônica “Uma conversa de bar”.

Na situação, Rubem Braga encontra-se com uma amiga que acabara de receber um diagnóstico médico, mas, apesar da ansiedade e preocupação, não sabe como abordar o assunto. Sobre a circunstância em que ela se encontra, escreve que “era insuportável pensar que alguém assim pudesse estar condenada”(BRAGA, 2018). Por consequência, a compaixão pode ser despertada em leitores que experienciaram semelhantes infelicidades e/ou que se basearam na descrição da crônica e simpatizam com a amiga em questão, de forma que não a consideram merecedora de tal condenação.

Para Amossy (2005, p. 39), “o *pathos* é um componente essencial da argumentação, não como emoção expressa pelo orador, mas como tentativa de obter a adesão do auditório dirigindo-se a seus afetos”, e a compaixão é uma paixão estratégica a ser despertada, já que não pode ser sentida em relação a um

indivíduo próximo, isso porque não é válida quando se partilha “os mesmos sentimentos que sentimos conosco” (ARISTÓTELES, 2015, p. 137). Nesse caso, a paixão despertada é outra – o medo –, pois não sentimos compaixão em relação ao mal que está tão próximo a ponto de poder nos afetar. Assim, no caso das crônicas, o público não está em contato direto com as personagens retratadas, favorecendo o despertar da compaixão.

Outro texto que reforça a compaixão provocada pelo cronista por meio do *pathos* é “Um braço de mulher”. A história se resume em uma viagem de avião em que o autor percebe a presença de uma senhora com medo do voo. Durante o trajeto, ao tentar acalmá-la, torna-se uma espécie de protetor, e sobre isso, relata:

I) Chamei a aeromoça, que tentou acalmar a senhora com biscoitos, chicletes, cafezinho, palavras de conforto, mão no ombro, algodão nos ouvidos, (...).

II) Animei-me então a pôr a minha mão direita sobre a sua mão, que me apertava o braço. Esse gesto de carinho protetor teve um efeito completo: ela deu um profundo suspiro de alívio, cerrou os olhos, pendeu a cabeça ligeiramente para o meu lado e ficou imóvel, quieta.

III) O avião continuava a rodar monotonamente dentro de uma nuvem escura; quando ele dava um salto mais brusco, eu fornecia à pobre senhora uma garantia suplementar apertando ligeiramente a minha mão sobre a sua: isso sem dúvida lhe fazia bem (BRAGA, 1985, p. 114-115).

As atitudes tomadas pelo autor refletem a compaixão sentida por ele, naquele momento, e despertam a compaixão pelo infortúnio da mulher que passou horas se sentindo insegura e desconfortável. Em I, o ato de chamar a aeromoça foi a primeira tentativa de ajudá-la. Em II, ao perceber que não funcionou, insistiu em um “gesto de carinho”, um fruto, por sua vez, da compaixão de Braga. Por fim, a “garantia suplementar” exposta em III revela o quanto aquela senhora estava apavorada, a ponto de apertar a mão de um completo desconhecido para se sentir bem.

Observemos, a seguir, trechos que revelam o comportamento da senhora:

IV) Ela estava tão aflita que embora fizesse frio se abanava com uma revista (...). Ela precisava fazer alguma coisa, e a única providência que aparentemente podia tomar naquele momento de medo era se abanar.

V) A senhora sobressaltou-se de repente e muito aflita começou a me fazer perguntas. O avião estava descendo mais e mais e entretanto não conseguia enxergar coisa alguma. O motor parecia

estar com um som diferente (...). A senhora estendeu o braço direito, segurando o encosto da cadeira da frente (...) (BRAGA, 1985, p. 113-116).

A combinação entre o ambiente do avião, que pode deixar muitas pessoas aflitas; a idade da mulher, descrita como uma senhora, fato que pode comover os leitores; e seu comportamento amedrontado detalhado nos trechos apresentados fazem com que a compaixão seja inspirada – o último fator principalmente, posto que são dignas de compaixão, segundo Aristóteles (2015, p. 137), “também as ações, as palavras e tudo o que vem dos que estão numa situação de sofrimento”.

Essa crônica, por outro lado, também suscita a paixão da confiança, uma vez que a senhora confiou no autor, mesmo sem o conhecer, como é afirmado no seguinte trecho: “a única pessoa de confiança era evidentemente eu: e aquela senhora, que no aeroporto tinha certo ar desdenhoso e solene, disse suas malcriações para a aeromoça e se agarrou definitivamente a mim” (BRAGA, 1985, p. 114). No livro I da *Retórica*, Aristóteles (2015, p. 63) propõe que é necessário que “esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador (...)”. Embora, portanto, a confiança tenha sido sentida pela passageira, a narrativa evidencia ao público o caráter do autor, de forma a provocar a confiança.

Ao relatar uma conversa com uma visita em sua casa, na crônica intitulada “Uma senhora do bairro”, Braga novamente suscita a paixão da confiança. A visita em questão acompanhava a publicação de seus textos, mas, pelo que sugere a crônica, não conversava com o autor. A manifestação da confiança pode ser vista, especificamente, no trecho a seguir:

Então ela disse que há muito tempo lia minhas coisas, gostava muito, isto é, às vezes achava chato, mas tinha vezes que achava formidável.

- Você uma vez escreveu uma coisa que parecia que você conhecia todos os meus segredos, me conhecia toda como eu sou por dentro. Como é que pode? Como que um homem pode sentir essas coisas? Você é homem mesmo? (BRAGA, 2009, p. 180).

Meyer (2003, p. L) explica que “com muita frequência nos esquecemos de que a vida da paixão consiste em sua representação e expressão”, isto é, não seria ideal entender as paixões como válidas apenas se experimentadas pelas pessoas envolvidas no cenário, pois as emoções devem ser captadas no discurso. Se considerarmos, portanto, a confiança como um sentimento de segurança quanto à integridade do caráter do outro, pode-se dizer que os leitores, potencialmente, sentiriam compreendidos e, de certa forma, aliviados, justamente porque a confiança é inspirada por estar acompanhada pela representação de que o próximo poderia ajudá-los, ainda que somente por meio de crônicas.

Semelhantemente, em “A Deus e ao Diabo também”, uma visita manifesta confiança no autor. É o que se pode verificar no excerto

E disse coisas; mas sempre queria saber minha opinião. Que eu era um homem vivido, eu sabia das coisas, era um escritor. Ponderei que essas coisas quem sabe melhor é padre; de preferência padre velho, que já ouviu muita história, sabe dar conselho. Disse que não; que padre, ela já sabe o que padre vai dizer, de maneira que não adianta; “não gosto de padres” (...).

Depois, com o olho triste, confessou que às vezes danava a pensar no futuro, tinha medo.

Notei:

- “Pensava no futuro e tinha medo”. Isto é um verso de Augusto dos Anjos, você disse quase igual.

Ficou encantada em ter dito uma coisa parecida com o verso de um poeta (...) (BRAGA, 2009, p. 176).

Ora, se as paixões “são ao mesmo tempo modos de ser e respostas a modos de ser (o ajustamento ao outro)” (MEYER, 2003 p. XLVII), o modo de ser do autor é ajustado ao de sua visita que, por confiar nele, declara confissões, como é exposto na continuação da crônica. Ele, pessoalmente, não gostaria de estar no papel de conselheiro, e por isso ponderou que talvez fosse melhor que ela procurasse um padre, mas o fez. A paixão é manifestada diante do problema, da questão a ser resolvida, e atua precisamente como resposta. A partir do ajustamento ao outro, manifesta a confiança porque se mostra disposto a ajudar, disposto a afastar o temível.

Por fim, a paixão da amizade/amor também é despertada com frequência em crônicas de Rubem Braga. Analisemos, primeiro, a crônica “Receita para mal de amor”, na qual o autor, por saber que a amiga está sofrendo por uma desilusão amorosa e tem vergonha de pedir consolo, escreve uma carta aberta e a publica como um de seus textos diários, sem destinatário, para ajudar de longe. No início, escreve: “Isso eu gostaria de lhe dizer, minha amiga, com a autoridade triste do mais vivido e mais sofrido: amar é um ato de paciência e de humildade; é uma longa devoção” (BRAGA, 2014, p. 87).

O papel da amizade, especialmente em casos de sofrimento, é capaz de atingir o que há de sensível nos leitores pois, antes de julgar racionalmente a situação ou apontar sugestões que pudessem acabar com a tristeza, o autor entende, porque já se encontrou em uma circunstância parecida, como revela a “autoridade triste do mais vivido e mais sofrido”. Dessa forma, o impacto do *pathos* é inevitável: a amizade se prova necessária para o momento e desperta emoções instintivas no público que, se pensavam diferente (que o sofrimento era inválido ou banal, por exemplo), provavelmente, tiveram o pensamento afetado.

Para Aristóteles (2015), essa paixão não se resume apenas em desejar que alguém tenha ganhos que garantam seu bem-estar, mas também em fazer favores que ajudem a alcançá-los sem esperar nada em troca. Simplesmente porque um

amigo “se regozija com as coisas boas e se entristece com as nossas amarguras, sem outra razão que não seja a pessoa amada” (ARISTÓTELES, 2015, p. 124).

A postura de escrever uma carta, sem que fosse requisitada, para tentar ajudar manifesta a amizade pela disposição de fazer o bem a um querido. Sobre isso, Aristóteles (2015, p. 126) explica que “um favor produz amizade, tal como o fazê-lo sem ser solicitado e sem ostentar que se fez, pois assim parece que se fez só por causa do favorecido e não por outro motivo qualquer”.

No mesmo texto, o autor também declara seu amor para Joana, sua companheira, como podemos ver a seguir:

Joana é minha destinatária. Meu destino está em suas mãos; a ela se destinam meus pensamentos, minhas lembranças, o que sinto e o que sou: todo este complexo mais ou menos melancólico e todavia tão veemente de coisas que eu nasci e me tornei. Se me derem para encher uma fórmula impressa ou uma ficha de hotel eu poderei escrever assim: Procedência - Cachoeiro do Itapemirim; Destino - Joana. Pois é somente para ela que eu marcho (BRAGA, 2014, p. 86-87).

A declaração, no entanto, não é aleatória. Muito menos tem a intenção de desviar o assunto da crônica e encerrar o conselho para a amiga. Apenas comprova que o autor entende o sentimento de amar e se prontifica a escrever o texto porque considerava útil. Além disso, expor um relato pessoal requer coragem, principalmente, em uma publicação que seria lida por um público ilimitado – o motivo da coragem, na amizade, se justifica porque “dentre as pessoas de bem, amamos, sobretudo, os que são bons amigos e os que não são fingidos conosco: tais são os que nos falam das suas próprias fraquezas” (ARISTÓTELES, 2015, p. 126). Sente-se amor, de acordo com Figueiredo e Santos (2020, p. 69), “por aqueles que consideram como bens ou males as mesmas coisas que nós” e, assim, a paixão será incitada nos leitores que reconhecerem como válida a escrita da carta.

Há outros casos em que Braga também desperta a paixão da amizade. Retomando as crônicas “Uma conversa de bar” e “Visita de uma senhora do bairro”, percebe-se como suas atitudes refletem o desejo de melhorar determinado problema. No primeiro caso, para aliviar a tensão da conversa, dispara a pergunta: “Por que você não toma conta de mim, não dirige meus uísques e meus bigodes?” (BRAGA, 2018), ação que realmente a tranquiliza, pois, em seguida, o autor alega que “ela riu, e deu uma risada tão alegre como antigamente” (BRAGA, 2018).

No segundo, por se deparar com uma situação de arrependimento e descontrole de sua visita, Rubem Braga escreve: “E então, subitamente, jogou-se na poltrona e desandou a chorar. Pus a mão em seu ombro e delicadamente a aconselhei a ir-se embora” (2009, p. 181).

Há, aqui, duas revelações de amizade, uma vez que a liberdade para jogar-se na poltrona e desandar a chorar pode ser justificada pelas considerações feitas por Aristóteles (2015, p. 126), que defende que “amamos aqueles com quem temos uma relação de amizade que não temos vergonha de atos vergonhosos segundo a opinião comum, sem que todavia os desprezemos”; e pela reação de pôr a mão em

seu ombro e a aconselhar a ir embora, visto que representa um ato de carinho em um momento infeliz.

Conclusão

Na concepção aristotélica, um estudo sobre *pathos*, uma das três provas retóricas, consiste na análise acerca de emoções que são suscitadas em determinado discurso pelo orador e que são capazes de levar o auditório à ação. Isto posto, é certo que diferentes paixões são despertadas por Rubem Braga em seus textos, uma vez que, além de numerosos, possuem temas e objetivos diversos. No entanto, dentre as crônicas selecionadas, foi possível verificar três paixões que aparecem com maior recorrência e, por isso, se tornaram o foco da análise.

A partir das onze histórias examinadas, constatou-se que as mais recorrentes são a paixão da compaixão, a da confiança e da amizade. A compaixão se faz presente principalmente em duas situações: quando o autor discorre sobre questões sociais e generalizadas, ou quando se depara com determinado problema de algum conhecido. No caso, tende a ser despertada em pessoas que se encontram em circunstâncias parecidas ou naqueles que, de certa forma, se deixam pelas situações descritas nas crônicas.

A confiança, por sua vez, é manifestada com frequência em contextos que envolvem desconhecidos. Este fato pode parecer questionável em um primeiro momento, se considerarmos que a tendência é confiar apenas em pessoas próximas, porém, ao se mostrar solícito e confiável com um desconhecido, Braga desperta em seus leitores um sentimento de segurança que se relaciona, diretamente, com a integridade de seu caráter.

Por fim, a paixão da amizade aparece nas crônicas em que o autor socializa com pessoas de seu convívio. Sendo uma paixão de natureza solícita, Braga a suscita em momentos em que faz o bem sem esperar nada em troca, como quando compreende os sentimentos de seus amigos e presta apoio na medida do possível. A amizade tem papel fundamental nas crônicas do escritor, muitas vezes, para convencer o público de que as emoções sentidas pelos amigos não são inválidas, de forma que aqueles que discordavam, provavelmente, se depararam com uma reflexão.

Referências

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana!* Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRAGA, Rubem. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BRAGA, Rubem. *Os melhores contos de Rubem Braga*. Seleção de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Global, 1998.

BRAGA, Rubem. *Uma conversa de bar*. Portal da Crônica Brasileira, 2018. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/11542/uma-conversa-de-bar>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; SANTOS JÚNIOR, Valmir Ferreira. Uma incursão ao pathos: o método aristotélico de descrição das paixões e a relação hierárquica delas emanada. In: FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). *Inteligência retórica: o pathos*. São Paulo: Blucher, 2020, p. 69.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. XVII-LI.

Para citar este artigo

FONSECA, Helena Miyazaki. A retórica de Rubem Braga: as paixões em crônicas do século XX. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 847-859, set.-dez. 2022.

A autora

Helena Miyazaki Fonseca é graduanda em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq), com projeto intitulado "As paixões em crônicas de Rubem Braga", orientado pela Profa. Dra. Ana Cristina Carmelino, e integrante do Grupo de Estudos de Textos Humorísticos (GETHu/CNPq). E-mail: helenayfonseca@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6806-2310>